

A METAFÍSICA SENSACIONISTA PESSOANA PERSPETIVAS FILOSÓFICAS, CIENTÍFICAS E ARTÍSTICAS BASEADAS NO CONTO “NO JARDIM DE EPÍTETO”

The Pessoaan sensationist metaphysics philosophical, scientific and artistic perspectives based on the short story "in the garden of epithet"

RODRIGUES, João Bartolomeu¹, NUNES, Antonio², & CASTRO, Inês de³

Resumo

O presente artigo propõe a exposição e compreensão do quadro metafísico patente nos escritos e nas perspetivas pessoais do célebre escritor lusitano Fernando Pessoa. O seu conto “No Jardim de Epíteto” (1922), servirá de base para a contemplação das intervenções científicas e filosóficas que o autor fez questão de referir, não só na narrativa em questão, bem como ao longo do seu percurso existencial. Destarte, este documento pretende submergir o leitor na psique Pessoaana, de modo a consolidar alguma da sua filosofia de vida. Esta, por sua vez, encontra-se fortemente abarcada pela admiração e exaltação da natureza, pela valorização sensorial e pela dança universal de interdependência patente em todos os seres, atómicamente conectados e eternamente embalados por meios naturais de expressão: a natureza, a ciência e a arte.

Abstract

This paper proposes the exposition and understanding of the metaphysical framework patent in the writings and personal perspectives of the famous Lusitanian writer Fernando Pessoa. His short story "In the Garden of Epithet" (1922), will serve as a basis for the contemplation of the scientific and philosophical interventions that the author made a point of referring, not only in the narrative in question, but also throughout his existential journey. Thus, this document intends to submerge the reader in the Pessoaan psyche in order to consolidate some of his philosophy of life. This philosophy, in turn, is strongly embraced by the admiration and exaltation of nature, by the sensorial valorisation and by the universal dance of interdependence patent in all beings, atomically connected and eternally cradled by natural means of expression: nature, science and art.

Palavras-chave: *Metafísica; Fernando Pessoa; Sensações; Natureza; Psique.*

Keywords: *Metaphysics; Fernando Pessoa; Sensations; Nature; Psyche.*

Data de submissão: dezembro de 2021 | **Data de publicação:** junho de 2022.

¹ JOÃO BARTOLOMEU RODRIGUES - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro | Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, PORTUGAL. Email: jbarto@utad.pt.

² ANTÓNIO NUNES - Instituto Superior de Saúde, PORTUGAL. Email: ajsnunesr@gmail.com.

³ INÊS DE CASTRO - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, PORTUGAL. Email: inesvillasboainhas14@gmail.com

INTRODUÇÃO

A presente investigação prende-se com a exposição e explicitação das visões filosóficas e científicas patentes na metafísica de Fernando Pessoa. Este documento contém uma indagação de partida, que irá ser contestada no decorrer do mesmo, através da sua doutrina filosófica. Posto isto, o quesito consiste no seguinte: “De que modo a valorização dos sentidos e sensações se refletem na doutrina Pessoaana?” Destacar-se-ão, desta forma, a valorização dos sentidos e sensações por parte do escritor. Assim sendo, será abordada a sua metafísica sensacionista, que se encontra naturalmente paragonada com meritórios meios de expressão desse tal sensacionismo: a natureza, a ciência e a arte. Estas perspetivas terão como base o conto “No Jardim de Epíteto”, escrito pelo autor na sua coletânea de contos filosóficos *O Banqueiro Anarquista*, publicada em maio de 1922.

A filosofia é conhecida como o estudo de inúmeras questões gerais e primordiais acerca da existência, abarcando o conhecimento, os valores, a razão, a psique, e até mesmo a linguagem. Essas questões são correntemente colocadas como problemas que visam uma possível solução. Existem diversos métodos filosóficos, tais como o questionamento, a discussão crítica, a argumentação e a apresentação metódica. Esta forma de conhecimento e de estudo surgiu na Grécia Antiga, no início do século VI a.C.

A palavra “filosofia” deriva, assim, da língua grega, sendo uma junção de duas palavras: *philos* e *sophia*. A primeira trata-se de uma proveniência de *philia* que significa respeito, amor ou fraternidade e respeito; a segunda expressão exprime sabedoria ou saber. Dessarte, “filosofia” significa amizade/fraternidade pelo saber, amor e respeito pela sabedoria.

Apesar deste ramo do conhecimento ter surgido na Grécia, a verdade é que a sua dimensão se estendeu um pouco por todo o mundo, especialmente nos séculos XVII e XVIII, sendo este último conhecido como o Iluminismo ou Século das Luzes. A busca e o desejo pela sabedoria tornou-se particularmente insigne em países como França, Inglaterra e um pouco por Itália. Todavia, no que concerne a Portugal, a filosofia não chegou a ter um impacto tão denso, fazendo com o que o país lusitano não tivesse uma base filosófica concreta. Desta forma, apenas alguns nomes se destacam no que diz respeito à filosofia portuguesa, como é o caso de Fernando Pessoa. Este nome ecoa nas mentes, nos livros e nas salas de aula lusitanas, como portador de tamanha magnitude no que concerne à poesia nacional. Pessoa, é então conhecido como um célebre escritor,

nascido em Lisboa no ano de 1888. Trata-se de uma personalidade da época modernista, (re)conhecido pelos seus profusos heterónimos que, por mais distintos que sejam e por mais que, ocasionalmente, se distanciem do seu ortónimo, todos parecem ter algo em comum: a valorização dos sentidos e sensações.

O poeta lisboeta destacou-se como um dos rostos do Modernismo, movimento artístico e estético que surgiu em Portugal no século XX. A ligação entre a arte literária e as artes plásticas detinham uma grande pertinência na cultura nacional da época, abrangida por diversos *ismos*, as chamadas vanguardas, nas quais se encontra incluído o sensacionismo. Na área da literatura destacaram-se afamados nomes que marcaram com imensa magnificência a cultura em Portugal. Surge, nesta altura, a geração *Orpheu*, marcada e empreendida pela geração de Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros. Pessoa sofreu um relevante destaque devido à sua capacidade personalística fragmentária, que revelaram a sua genialidade enquanto artista, sendo um dos principais nomes que estabelece a ponte de ligação entre o ser português e a cultura literária e do saber.

Apesar das suas distintas personalidades artísticas que se dedicaram à escrita poética, o que poucos conhecem é a sua alma filosófica. Fernando Pessoa concentrou-se, ao longo do seu percurso existencial, não só na lírica, bem como na sua filosofia de pensamento, interligando a sua metafísica com a literatura, tal como nos diz Fabrizio Boscaglia: “Fernando Pessoa escreveu textos filosóficos e muito se interessou pela filosofia. Além disso, a sua obra literária revela uma constante problematização filosófica, em vários sentidos” (Boscaglia, 2018, s.p.).

Este documento focar-se-á principalmente na sua doutrina sensacionista, que percorre tanto os textos filosóficos de Pessoa, como a poesia dos seus heterónimos e ortónimo. Uma vez que exalta os sentidos e as sensações, Pessoa automaticamente recusa a substância pensante, ou seja, a razão. Para o autor, o pensamento está ligado ao sofrimento, algo que faz questão de explicar tanto nos seus manuscritos e versos, como na sua filosofia, como será possível verificar no conto sobejamente mencionado.

O lisboeta destaca, frequentemente, a natureza como ponto fulcral para a consecução das sensações por si referidas. Melhor dizendo, o ambiente naturalista acaba por ser o fio condutor dos sentidos, uma vez que ao estabelecer contacto com a mesma, a felicidade e a paz podem ser alcançadas.

1. “No Jardim de Epíteto” – Uma Filosofia Epicurista e Sensacionista

Em jeito de contextualização deste documento e da breve história filosófica usada como base para o mesmo, é necessário, antes de tudo, efetuar um breve resumo da mesma. Este trata-se de um conto epicurista, devido à presença dos prazeres moderadamente sentidos pela personagem principal. Para melhor compreensão, o epicurismo pode ser definido segundo as palavras de Carlos Marinheiro:

(...) «doutrina do filósofo grego Epicuro (341-270 a. C.) e seus epígonos, caracterizada por uma concepção atomista e materialista da natureza, pela busca da indiferença diante da morte e uma ética que identifica o bem aos prazeres comedidos e espirituais, que, por passarem pelo crivo da reflexão, seriam impermeáveis ao sofrimento incluído nas paixões humanas e, por extensão de sentido que, por passarem pelo crivo da reflexão, seriam impermeáveis ao sofrimento incluído nas paixões humanas» e, por extensão de sentido, «o modo de viver, de agir, de quem só busca o prazer; sensualidade, luxúria» ou «desregramento de costumes, falta de temperança; devassidão, libertinagem» (Marinheiro, 2009, s.p.).

O homem presente na narrativa trata-se de um “Mestre” que encontra na natureza o ápice da bonança, devido à sensação prazerosa que esta desperta na sua alma e no seu espírito. Deste modo, o Mestre como que comunica com o leitor, enviando-lhe a mensagem de que é no meio natural que o Homem tem a possibilidade de ser verdadeiramente jubiloso, adornado pelas sensações únicas que esta transmite. Com isto, a personagem demonstra, igualmente, que os seres pensantes tendem a questionar-se acerca de tudo, adiando a paz e a felicidade nas suas vidas. O pensamento excessivo está então condenado ao sofrimento humano. Como referido anteriormente, o próprio Fernando Pessoa considera que o *cogito* leva à estagnação pessoal, a uma possível decadência, tal como o Mestre da sua história. Este facto leva o leitor a supor que o Mestre é a personificação de Fernando Pessoa, uma vez que a linha de pensamento de ambos coincide fortemente. A exaltação dos sentidos em detrimento da razão e do pensamento, podem ser comprovados, por parte do poeta lisboeta, no seguinte poema:

Sentir é criar
Sentir é pensar sem ideias, e por isso sentir é compreender, visto que o
Universo não tem ideias. (...)
O que se sente não se pode comunicar. Só se pode comunicar o valor do que se sente. Só
se pode fazer sentir o que se sente. (...)
O sentimento abre as portas da prisão com que o pensamento fecha a alma.
A lucidez só deve chegar ao limiar da alma.
Nas próprias antecâmaras é proibido ser explícito.

Sentir é compreender. Pensar é errar. Compreender o que outra pessoa pensa é discordar dela. Compreender o que outra pessoa sente é ser ela. Ser outra pessoa é de uma grande utilidade metafísica. Deus é toda a gente.

Ver, ouvir, cheirar, gostar, palpar - são os únicos mandamentos da lei de Deus. Os sentidos são divinos porque são a nossa relação com o Universo (...) (Pessoa, 1916, p. 216)

De acordo com o Mestre, a mente deve ser ocupada apenas pelas comoções que advêm dos frutos, do verde das árvores, da erva fresca ou da flor prestes a desabrochar, conduzindo cada qual a um efeito transcendentalista, mas realista, ao contrário do que provém do *cogito*. Tal facto é facilmente perceptível na ideologia da personagem:

Mais vale, para um justo entendimento, o verdor das folhas que um grande pensamento, pois o verdor das folhas, podeis mostrá-lo aos outros, e nunca podereis mostrar aos outros um grande pensamento. Nascemos sem saber falar e morremos sem ter sabido dizer. Passa-se nossa vida entre o silêncio de quem está calado e o silêncio de quem não foi entendido, e em torno d'isto, como uma abelha em torno de onde não há flores, paira incógnito um inútil destino (Pessoa, 1922, p. 84).

Encontra-se patente uma meditação da vida, tanto no Mestre como em Pessoa, conquistada apenas quando se tem a capacidade de parar o tempo por um segundo que seja e entregar-se à maré de prazeres, na qual o ser humano tem a possibilidade de flutuar, até chegar à zona de rebentação deleitante, espumando de tanta felicidade na costa dos sentidos.

2. A Valorização dos Sentidos

Ao embarcar na metafísica de Pessoa, é basilar compreender a sua ideologia sensacionista, que regia a sua vida e, ademais, persiste eternamente marcada nos seus diversos desafios. O sensacionismo foi um dos *ismos* introduzidos na época do Modernismo em Portugal, ligados à geração Orpheu. Esta foi uma estética criada pelo escritor, que cobre tanto a sua metafísica, proveniente do ortónimo Fernando Pessoa, como os seus poemas, da autoria dos seus heterónimos como Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis.

Anderson Matos afirma:

(...) a revista Orpheu, porta-voz do Modernismo português, criada com a participação de Pessoa e sobre a qual este teorizou. Essa revista é o lugar onde o Sensacionismo se torna notório, não apenas pelos poemas de índole sensacionista publicados por Álvaro de Campos, mas por ser uma estética estreitamente ligada ao que se propunha o Orpheu. Entretanto, há de se levar em conta também que grande parte dos poemas sensacionistas não foi publicada durante a vida do poeta. Ademais, a maioria dos textos teóricos sobre a estética citada também não saíram de sua arca, na qual Pessoa guardou todos os textos,

poemas e mesmo pequenas notas que escreveu durante a vida (Matos, 2015, p. 2)

“No Jardim de Epíteto” assiste-se, como sobejamente referido, a esta doutrina que visa exaltar as fortes sensações que a existência naturalmente concede ao Homem. Não obstante, o escritor lisboeta alarga esta filosofia ao conhecimento geral. Quer isto dizer que para ele, o conhecimento vem dos ou pelos sentidos e sensações inerentes aos indivíduos. É, porém, importante ter em conta que os denominados sentidos diferem um pouco das sensações, embora caminhem de mãos dadas: é através dos sentidos que as sensações se manifestam.

Posto isto, Fernando Pessoa acredita piamente que a verdade só pode ser alcançada em contacto com os sentidos e, conseqüentemente, com as sensações provenientes do exercício sensorial que o mundo exterior desperta em cada um. Desta forma, o poeta considera que a razão e intelecto são incompetentes no que diz respeito ao alcance do real, uma vez que a sua única função é a da comparação, como é possível verificar na sua seguinte afirmação:

A razão, ou intelecto, nem percebe, nem cria; tão somente compara, e, por comparação, rectifica e elabora, os dados que os sentidos ministram. A razão, é, portanto, incompetente para determinar uma verdade, por isso que não pode determinar um facto, mas só compará-lo com outros. (Pessoa, s.d., p. 223)

Pessoa afirma, do mesmo modo, que não se conhece senão as sensações respetivas a cada indivíduo, sendo o universo um simples conceito global. Existem certas coisas exteriores à percepção humana, como as leis universais às quais o Homem tem de obedecer, por exemplo. Mas, à parte disso, grande parte de tudo o que nos rodeia é uma abstracção do espírito humano. Este conceito é comum a todos pois, mesmo que subsistam sensações distintas em cada ser no tocante a determinadas ocorrências, elas estão sempre presentes. As sensações fazem parte de nós, do denominado espírito humano⁴, e todos os seres têm, de variados e distintos modos, a manifestação dessas mesmas sensações.

Partindo deste pressuposto, o escritor determina o Universo como objetivo devido à constituição dos nossos sentidos, o que o leva a ser encarado também como o conceito de um espírito infinito. Ora, como todos somos seres humanos habitantes deste Universo e todos detemos sentidos e sensações, logo todos possuímos esse espírito infinito.

A partir do momento em que são concedidas capacidades como ouvir, ver, palpar; esse cosmos real está automaticamente a ser criado por cada Homem. Veja-se o seguinte

⁴ Consciência humana; Mente.

exemplo: Quando o Homem está diante de uma paisagem que seja agradável ao seu olhar, então a sua visão relativamente à paisagem será precisamente essa. Ao avistar a paisagem, o Homem poderá sentir paz ou felicidade, criando a sua realidade face ao que está a contemplar. Esta função, alarga-se a todos os indivíduos, pois todos nascem com a possibilidade de serem criadores nesse sentido. Deste modo, o espírito infinito que habita em cada ser, está igualmente a ser criado, o que acaba por dar origem a nós mesmos.

Tendo em conta toda esta lógica, chega-se então à ilação de que, de acordo com Pessoa, as sensações são infinitas. Porque tudo é sentido, tudo é sensação. Dançamos todos a mesma música que consiste numa troca constante de sensações para com o Universo, e até mesmo de espírito para espírito. Tudo o que é espiritual, ou seja, consciente, é imortal, tem o poder de viver mesmo após a morte. Nessa altura, quando se deixa de existir, as sensações continuam presentes no mundo, nos seres, no cosmos. Não acabam nunca.

As sensações infinitas, inerentes ao espírito infinito, podem até mesmo ser comparadas com o ar que respiramos. O oxigénio paira ao nosso redor, sustenta cada ser, tal como as sensações. Elas viajam no tempo e sempre presentes no Universo. Mesmo que, por algum motivo, não as pudéssemos sentir, elas continuariam a fazer parte do macrocosmo⁵, à espera de serem sentidas.

Fernando Pessoa considera que as sensações não podem, jamais, serem encaradas em termos temporais, como passadas. A memória, que parece subsistir na nossa psique como uma lembrança remota, é na verdade a sensação de uma sensação, o que faz dela presente. Assim, o próprio mundo corresponde a uma infinidade de presentes.

Esta ideia de espírito infinito que Pessoa insiste em abordar, é uma ideologia que remete à Grécia Antiga, para a filosofia de Platão. Coincidência ou não, apesar de o filósofo grego substituir a expressão “espírito” por “alma”, também ele pretendeu figurar a existência de uma alma imortal e infinita em todos os Homens. Para esta célebre personalidade que marcou a história da filosofia, a alma gera a vida e as diferentes perceções da mesma. A alma alterna-se entre os mundos inteligível e sensível, sendo o sujeito do conhecimento, à semelhança da expressão de espírito infinito adquirida na metafísica Pessoaana. Embora as opiniões do vate e do filósofo não estejam em total sintonia, ambas acabam por pressupor a existência de uma substância infinita ou imortal

⁵ Universo

inseridas no corpo humano. Algo que não se manifesta apenas exteriormente, que, antes de tudo, vem de dentro, dos recantos da mente, capaz de transcender o corpo.

É possível contemplar que, para Pessoa, o sensacionismo faz parte tanto da sua filosofia de vida como das suas criações escritas, como tem sido ratificado até agora. Trata-se, portanto, mais do que um modo de viver, sendo principalmente um modo de expressão e afirmação pessoal, que acompanha todo um cânone artístico e literário português:

Através do sensacionismo, entendido como uma arte-todas-as-artes que tinha por regra-base ser a síntese de tudo, Pessoa deu continuidade ao seu sonho de um projecto interartes, já iniciado, pouco tempo antes, no momento em que acreditou e teorizou o interseccionismo. Herdeiro do paulismo e do interseccionismo, pelas primeiras interpenetrações de planos, nomeadamente, entre objecto/sensação, paisagem/estado de alma, aproveitando do cubismo a experiência da decomposição da sensação em cubos e outros poliedros e roubando ao futurismo todo o movimento vorticista do sentir, toda a liberdade fónica e onírica da sensação, o sensacionismo constituiu-se como uma corrente literária, exclusivamente portuguesa, de uma enorme riqueza e complexidade. De alma absolutamente europeia, cosmopolita, o sensacionismo pretendia ser também uma reacção ao nacionalismo excessivo da Renascença Portuguesa e dar uma continuidade mais renovada ao paulismo, ainda demasiadamente simbolista para poder acompanhar, por si só, o ritmo da vanguarda europeia (Costa, 1990, s.p.)

A relação que o leitor capta relativamente ao conto “No Jardim de Epíteto” e ao quadro metafísico sensacionista de Fernando Pessoa, é essencialmente a de que os sentidos são algo imprescindível para o Homem viver plenamente. A verdade é que, quanto mais os sentidos humanos estiverem apurados, mais sucesso existencial cada qual poderá obter. Deve ter-se em consideração que o ser humano é constantemente criador e estará eternamente ligado ao Universo, tanto por razões científicas, como por razões de espírito. Ao estabelecer uma conexão verdadeiramente satisfatória com o nosso redor, ser-nos-á dada a possibilidade de submergir numa infinidade de prazeres, que se manifestam sem que, muitas vezes, nos apercebamos.

3. Perspetivas Científico-Filosóficas – A Mãe Natureza e a Interdependência

A metafísica de Fernando Pessoa vai além da valorização até então explanada. Toda a informação declarada anteriormente, encontra-se interligada a algo superior: a natureza. Do ponto de vista pessoano, a natureza é a manifestação da harmonia, uma criação que germinou do Universo e possui o poder de irradiar sensações transcendentais, capazes de fazer transbordar o espírito e o corpo de qualquer ser.

De acordo com o poeta, “os pequenos organismos vivem menos” e “quanto maior o organismo, maior será a sua esperança de vida” (Pessoa, 1907, p. 48). O organismo mais complexo será o que contém nele todos os outros organismos. Este, trata-se da natureza, que é eterna. Pessoa evoca a teoria de Drummond, para demonstrar que o imortal não poderia nunca pertencer ao Homem, uma vez que é a correspondência com um ambiente perfeito:

Low organisms are shortest lived. The higher the organism, as a rule, the longer the life. The most complex organism must have the longest life. An infinitely complex organism must have an infinite life. Now the most complex organism is that which contains them all. — Nature is eternal. Push further Drummond’s theory: — «Immortality is perfect correspondence with a perfect environment.» Fundamental difference between natural life and spiritual life. Nature is bad. Altruism, goodness, the idea of good generally, make their appearance, in man. They cannot, it is contended, come from nature. (But they do. Pleasure and good) (Pessoa, 1907, p. 48).

A imortalidade só é possível se o ambiente em si for propício a tal. Nos Homens, não se assiste a este fenómeno dado que são constantemente corrompidos por eles próprios, como se a sua existência se deteriorasse a si mesma. Na vida humana, estão patentes particularidades negativas e prejudiciais, que dificultam a sua eternidade.

Recheado de ganância, egoísmo e individualismo, o Homem executa-se a si mesmo, sendo um ser limitado, em contraposição com a natureza. A chamada “mãe” é pura e plena, não fazem parte de si as ideias nocivas, pelo contrário. A natureza é como é, cabem nela a paz e a calma, uma quase inocência de quem existe só por existir, para ser cuidada e apreciada. Assim, as noções de bom e mau, nascem com a gente, jamais com o ambiente natural.

O Homem, enquanto ser vivo, necessitará sempre da natureza. A sua existência depende dela, o seu sustento, provém dessa Mãe. Uma vez mais, em oposição a esta ideia, a natureza não precisa do Homem. Tem a capacidade e independência suficiente para subsistir sozinha. É até plausível referir que a gente tende a deteriorá-la.

“No Jardim de Epíteto”, o Mestre insiste em contemplar a paisagem naturalista, pois, como verificado, esta é a sua fonte de júbilo, de harmonia. Ele é considerado epicurista, entregando-se aos prazeres oferecidos pelo ambiente em que se encontra. A experiência desta personagem, resume a vivência humana inserida no meio natural. Isto

porque, o humano tem a opção de se entregar ao Universo e de sentir tudo o que a Mãe tem à sua espera, usando-a muitas vezes como uma cura física e psicológica.

Ironicamente, enquanto a natureza cura o Homem, este, por sua vez, tem a audácia de responder de forma nociva, frequentemente. Os Homens devem então tomar consciência de que a natureza é um ambiente propício para sensações positivas, seguindo o exemplo do Mestre. Valorizá-la e amá-la, tal como ela merece, pois, todas as pessoas habitam na mesma casa, e o seu principal dever é o de cuidar dela, sem se deixar corromper pela influência negativa que paira sob eles próprios.

Tendo em conta que a natureza e a sua existência estão ligadas a factos científicos, Fernando Pessoa em muito inclui o ramo da ciência na sua metafísica. Para o filósofo, todos estamos rodeados de seres, objetos e figuras que, à partida, parecem exteriores a nós. Pois não o são. Esses seres, esses objetos e essas figuras manifestam-se à sensibilidade humana, primeiramente como formas e, seguidamente, como grandezas. Ao contemplarmos uma árvore, temos consciência da sua forma, da sua fisionomia, e logo de seguida notaremos a sua grandeza, o seu empoderamento sobre nós, que se diluem em sensações. Desta maneira, concebemos estes objetos ou seres de determinado modo, porque temos a oportunidade de os sentir, a todos – “não menos o muito pequeno que o muito grande, tanto a árvore como a sua sombra” (Pessoa, s.d., p.15). Melhor o sucinta o autor:

As condições, quaisquer que em sua essência sejam, da sensibilidade obrigam a que nada possamos conceber de exterior, que não com estas três características, e com elas todas juntas. O que vemos, ou concebemos ou imaginamos visível, força é que tenha uma forma, que assuma uma grandeza, que esteja parado ou movendo-se. Porém, pela operação mental, a que se chama abstracção, arbitrariamente separamos umas das outras estas 3 condições da apresentação externa dos seres, e, assim, arbitrariamente separadas e considerada cada uma de per si, forçosamente a concebemos abstracta em sua própria natureza, pois que, separando-a das outras a destituímos do seu carácter concreto que reside em estar junta a elas (Pessoa, s.d., p. 15)

Ademais, optei ainda por relacionar este facto pessoano com a ciência física. Em termos atómicos, tanto o humano como tudo o que o rodeia está interligado, pois os átomos constituem todos os corpos, toda a matéria. Ora, se os átomos cobrem toda a matéria, a distância que separa o corpo humano de um outro objeto qualquer, é puramente ilusória. A interconexão cobre assim o mundo todo. Todos dançam a mesma música, a

mesma dança universal de interdependência, e, como tal, todos se encontram ligados. Tal como afirma Ruan Silva no seu artigo, citando o astrofísico Neil de Grasse Tyson:

Estamos todos conectados. Uns aos outros, biologicamente. À Terra, quimicamente. E ao resto do Universo, atomicamente. Isso faz-me sorrir. Eu sinto-me até grande quando penso nisso. Não é que sejamos melhores do que o Universo. Somos parte do Universo. Nós estamos no Universo e ele está em nós (Silva, 2016, s.p.)

A relação estabelecida de Homem para Homem é, como se torna viável compreender, biológica através da procriação, as gerações cobrem a substância temporal e o espaço, atingem todos os seres humanos. A ligação química à Terra, consiste efetivamente na constituição do nosso interior literal, na composição do corpo – o nitrogénio faz parte do ADN humano, por exemplo, como faz parte das estrelas e dos planetas que habitam o cosmos. O ferro viaja pelas veias embarcado no sangue, tal como sustenta o núcleo terrestre. De facto, para além de habitarmos no Universo, fazemos parte dele. A nossa constituição é em muito equivalente à desta imensidão que nos abraça. No seguimento desta evidência, Ruan Bitencourt Silva afirma:

Nós somos filhos do Cosmos. O Cosmos está dentro de nós. Mais do que isso: os átomos em sua mão direita provavelmente se originaram em uma estrela inteiramente diferente dos átomos em sua mão esquerda. De fato, seu corpo – e tudo no mundo ao seu redor – é provavelmente feito de átomos de inúmeras estrelas diferentes, originalmente separadas umas das outras por milhares, milhões ou até bilhões de anos-luz. E esses átomos flutuaram pelo espaço por milhares, milhões ou mesmo bilhões de anos, antes de finalmente se juntarem em nosso sistema solar primordial e aglomerarem-se, sob a ação da gravidade, para formar a Terra e tudo contido (...) (Silva, 2016, s.p.)

Destarte, ao existir esta interconexão a que nada nem ninguém escapa, é natural que o Universo desperte nos seus “filhos” sensações e frequências de energia positiva, tal como explicita a filosofia do rosto da geração de Orpheu.

4. A Produção Artística e a Manifestação Sensorial

Filosofia ou metafísica, natureza e ciência são as três expressões que têm sido referidas no decorrer deste artigo, como formas de manifestação sensorial.

Como tem sido possível comprovar, estes ramos do conhecimento, sendo tanto subjetivos como objetivos, são a ponte de ligação direta para o Universo através do que já se tornou claro: as sensações que são capazes de suscitar. Todavia, decidi ainda abordar uma última área, numa vertente do conhecimento subjetivo e estético, porém que é

imprescindível referir, apenas pelo facto de se encaixar sublimemente nesta ponte de conexão e na dança de interdependência que envolve toda a existência – a arte, ou, por outras palavras, todo o processo de produção artística, em todas as suas formas e feitios.

Fernando Pessoa é, mais do que um filósofo ou escritor, um verdadeiro artista. Desde os seus versos mais simples até à sua prosa mais científica, o autor desvenda aos seus leitores todo o seu ofício artístico, e o quanto este faz parte de si. De palavra em palavra, Pessoa faz a sua arte, tal como os outros poetas, escritores, pintores, músicos, dançarinos e todos os que se encontram pelo meio.

A arte pode ser definida de diversas formas, dependendo a que tipo de arte se refere. Existem as artes plásticas, as artes visuais, as artes performativas e dentro delas subsistem ainda onze manifestações distintas (algumas delas mencionadas acima). Todas elas emanam sensações, todo o género de sensações que se possa conceber.

A definição desta área sempre foi difícil de encontrar, pois a arte é uma matéria tão subjetiva e portadora de tal esteticismo, que faz com que as pessoas não encontrem as palavras concretas para a delimitarem vocabularmente, tal como afirma Aires Almeida no seu artigo *Definição de Arte* (2014):

O projecto de definir o conceito de arte foi o principal foco de interesse da estética e da filosofia da arte de tradição analítica da segunda metade do século XX. A fonte principal desse interesse encontra-se no ensaio de Weitz 1956, um ensaio em que, curiosamente, se defende uma resposta céptica sobre a própria possibilidade de definir arte. Isto não significa que antes de Weitz a questão não tivesse merecido qualquer interesse, até porque Weitz procurou precisamente explicar por que razão as tentativas de definição anteriores – as definições tradicionais – falharam, e tinham de falhar. Contudo, uma variedade apreciável de respostas para a pergunta ‘O que é arte?’ foram sendo apresentadas, directa ou indirectamente, como reacção à proposta de Weitz. Ao fim de cinco décadas de intenso debate filosófico, o carácter alegadamente intratável da questão, patente nas sucessivas revisões das propostas avançadas, não pôs fim à discussão. Mas, no início do presente século, muitos filósofos da arte optaram por investigar questões mais particulares e menos ambiciosas, interessando-se cada vez mais pelas diferentes artes, como o cinema, a música, a literatura, a banda desenhada e outras, na esperança de alcançar progressos mais nítidos, capazes de contribuir para o esclarecimento do problema da identificação da arte em geral e da sua natureza (Almeida, 2014, p. 1).

De facto, a arte e tudo o que a abrange está submersa numa arrebatadora liberdade, que acaba por fugir a uma explicação concreta. O que se pode ter em conta acerca dela pode ser compreendido através da seguinte afirmação de Rebeca Fuks: “A arte é uma forma do ser humano se expressar. Apesar de ser realizada nos mais variados meios,

linguagens e técnicas, os artistas geralmente compartilham o desejo de transmitir sentimentos e emoções” (Fuks, s.d., s.p.).

Ora, a expressão é necessária à vida, e a arte é um dos meios que o Homem tem ao seu alcance para melhor a representar. Desta maneira, compreende-se a arte como um ofício que transcende o Homem, mesmo que na maior parte das vezes esta seja criada por ele. A arte tem a capacidade de ser transcendente porque é algo que, sobretudo, se sente. Não há maneira de explicar o êxtase causado por uma melodia ou pela contemplação de um poema ou quadro. A criatividade, o ato de pôr em prática visual e até mesmo física as comoções mais profundas do ser humano, são fatores tão únicos e tão gloriosos de presenciar, que a única forma possível de serem encarados, é embarcando nas sensações despertadas naquele momento.

A arte tem a capacidade de nos ligar a ela, de nos mover. Faz de nós quem somos e quem quisermos ser. Por isso é que se chama arte: oferece possibilidades cobertas de esperança, oferece refúgio, oferece vida. Ela própria é uma fonte de vida. Por mais renegada ou excluída que seja, a arte pertence ao Homem, tal como o Homem pertence à arte. Ou melhor, o Homem precisa da arte, tal como necessita da ciência, da filosofia ou da natureza. É aí que todas estas áreas, por mais que pareçam distintas, se encontram. Devido ao facto de estar tudo tão conectado, então será facilmente perceptível a ligação destes ramos do conhecimento, que advêm dos sentidos, das sensações ilimitadas. Todos eles se manifestam à sensação e ao sentido humano, todos eles despertam algo novo em cada pessoa e em cada ser, e é por isso que o Universo é um jogo de infinitudes sensoriais. Melhor o sucinta Ana Luísa Amaral, quando questionada para que serve a poesia e a arte:

(...) toda a arte, assiste-lhe não o pragmatismo, mas o simbólico, e nós, humanos, precisamos do simbólico, que passa sempre pela nossa relação com os outros. Precisamos dele como precisamos de comer ou de dormir. Porque é sua a dimensão estética, mesmo quando fala do horror ou da crueldade. A poesia, tal como eu a concebo, faz-nos, acredito, melhores pessoas, porque nos move (podendo fazer-nos agir) – e nos comove (Amaral, 2019, s.p.)

Cada ser pode até procurar o significado de arte toda a vida, mas nunca conseguirá alcançá-lo se não souber senti-lo. Deve-se, então, aceitar o conselho implícito de Fernando Pessoa e sentir tudo o que for alcançável, sem o incómodo constante do pensamento excessivo, porque é precisamente o ato de sentir que contém o maior e mais jubiloso conhecimento.

A metafísica sensacionista pessoana é capaz de integrar, como comprovado no decurso destas palavras, diversas áreas do saber, alargadas até ao esteticismo e à subjetividade que abarcam a produção artística.

Um investigador, um filósofo, um escritor, pode até ser, mas, antes de tudo – um artista, um sensacionista com uma filosofia de vida que perdura no tempo. Como afirma o autor José Gil, na obra *Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações*: “(...) o sensacionismo. Segundo essa teoria, nada é para nós – seja a realidade externa ou interna, percepções, sentimentos, pensamentos – senão sensações” (Gil, 1987, s.p.)

CONCLUSÃO

Pelo que fica exposto é legítimo concluir que a metafísica Pessoaana abarca diversas teorias e perspetivas científicas e filosóficas, que assentam sempre no seu intenso sensacionismo.

O seu conto “No Jardim de Epíteto” auxilia a resposta à indagação colocada no início deste documento. Trata-se do perfeito espelho atinente àquilo a que o Homem, enquanto habitante do cosmos, se deve submeter: às sensações provenientes de tudo o que o rodeia, de modo a fazer parte da dança universal a que está submetido desde o momento em que nasce. Dessarte, a sua doutrina que escora na valorização sensorial, cobre toda a filosofia e modo de vida Pessoaanos, dado que o escritor e filósofo se submete inteiramente aos sentidos e às sensações que deles germinam, manifestando-o nas suas palavras e obras escritas, como foi legítimo comprovar. Tal reflete-se não só na sua arte, como na sua vida, pois para o rosto da revista *Orpheu* as sensações são tudo aquilo a que a gente deve prestar atenção, dado que essas duas características têm o dom de envolver tudo: desde a natureza até à ciência e à arte.

Fernando Pessoa, um vigoroso apaixonado pelos sentidos e sensações exorbitantes que a vida tem ao dispor. Uma alma que, de tanto recusar o pensamento, tropeça constantemente nele, a fim de (com)provar o seu modo único de expressão pessoal. Alguém que trespassou a existência coberto por um véu de genialidade, deixando ao povo lusitano o orgulho de quem partilha a mesma nação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ELETRÓNICAS

Amaral, A. L. (29 de maio de 2019). Entrevista.

Boscaglia, F. (2018). Filosofia e (é) Poesia. *Seminário Aberto de 3º Ciclo*. Disponível em <https://i.filosofia.up.pt/activities/filosofia-e-literatura-fernando-pessoa-filosofia-e-e-poesia>

Cabral, J. F. P. (s.d.). *Imortalidade da alma em Platão*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/imortalidade-alma-platao.htm>

Costa, C. P. (1990). *As Dimensões Artísticas e Literárias do Projecto Sensacionista*. Dissertação de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa.

Fuks, R. (s.d.). *Afinal, o que é arte?*. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/o-que-e-arte/>

Marinheiro, C. (2009). O Significado de Epicurista. Disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-significado-de-epicurista/25910>

Matos, A. H. (2015). *Origem do Sensacionismo no grupo Orpheu*. (Tese de Doutoramento). Porto Alegre: UFRGS.

Menezes, P. (s.d.). *A Origem da Filosofia*. <https://www.todamateria.com.br/origem-filosofia>

Pessoa, F. (1907). Eternity Of Nature. In A. Coelho (1968) (Org), *Textos Filosóficos*. (vol. II). *Fernando Pessoa*. Ática.

Pessoa, F. (1916). Para Orpheu - Sentir é criar. In L. Gerog & P. Coelho (1966) (Org), *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. *Fernando Pessoa*. Ática.

Pessoa, F. (1922). *O Banqueiro Anarquista e Outros Contos Filosóficos*. Biblioteca Digital: Luso Livros.

Pessoa, F. (1935). *O Sensacionismo*. Disponível em: <https://www.citador.pt/textos/o-sensacionismo-fernando-pessoa>

Pessoa, F. (s.d.). Todo o conhecimento vem dos ou pelos sentidos. In A. Coelho (1968) (Org), *Textos Filosóficos*. vol. II. *Fernando Pessoa*. Ática.

Pessoa, F. (s.d.). Os seres, objectos, ou figuras, a que chamamos exteriores. In A. Coelho (1968) (Org), *Textos Filosóficos*. vol. II. *Fernando Pessoa*. Ática.

Silva, B. R. (2016). *Nós somos filhos do Cosmos*. Disponível em:
<https://univsoracionalista.org/nos-somos-filhos-do-cosmos/>